

## Guiomar de Grammont

### **Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?**

Para fazer essa comparação, eu acho que, primeiro, seria preciso, para mim, saber o que se compreende por “tempo histórico”. Seria o tempo da vida dos homens sobre a terra ou é a tentativa dos historiadores de dar uma forma narrativa a essa mesma existência?

Acho que, em todos os casos, o tempo não existe. Nós existimos. O tempo é sempre uma fantasia com que preenchemos o vazio. No caso da vida, ela pode ser mais arrastada, ou acelerada, mas não há, na medida que inventamos isso que chamamos “tempo”, nenhuma objetividade ou correspondência com alguma realidade. Serve para corridas de automóveis talvez, ou para que um número enorme de pessoas tenha a ilusão de sincronizar suas existências para trabalhar, viajar etc. Mas o que chamamos tempo, na verdade, não tem medida, vai passar de forma diferente, com velocidades diferentes, para cada ser humano no mundo. Acho que a literatura é um meio de expressão que se permite evidenciar, com mais liberdade, essas dimensões. A narrativa histórica, por tentar construir uma linearidade, acaba perdendo o “tempo”, tal como ele se apresentaria (se existisse). Na realidade, é mais um dos esforços dos homens para não se sentirem tão inseguros e desamparados no mundo.

### **Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?**

Minhas personagens são um vômito. Um vômito diante de todo esse mundo administrado. E resisto sob muitas outras formas também, muitas vezes estúpidas para alguém que nasceu dentro desse universo e que deveria tentar se movimentar nele com a mesma desenvoltura com que outros parecem fazê-lo. Luto desesperadamente

e sob muitas formas, sacrificando, muitas vezes, meu próprio trabalho, para que o ato de ler faça sentido para um número maior de pessoas. Acho que só o contato direto com as obras pode, de alguma maneira, inserir alguma autenticidade em um mundo de máscaras, de joias falsas produzidas por uma mídia que inventa “realidades”.

### **Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?**

Curiosamente, não são os autores que mais li os que foram percebidos como influências para os poucos que já leram o que escrevo. Só vim a ler Dalton Trevisan e Nelson Rodrigues quando, muito jovem, apontaram semelhanças entre meus textos e os deles. O autor brasileiro que mais li e reli foi Machado de Assis, mas admiro muitos outros. Leio de forma inveterada e, hoje, pouco seletiva, procuro conhecer novos autores também. Na verdade, não sei situar o que escrevo dentro da tradição literária brasileira. Acho que seria uma pretensão enorme eu mesma responder a essa questão.

### **Como você pensa a forma literária?**

“Forma literária” é uma coisa que não existe. Existem formas de expressão e, por isso, hoje, felizmente, tudo é compreendido como literatura, de receitas de cozinha a bulas de remédio.

---

Guiomar de Grammont (1963) é autora dos romances *Fuga em espelhos* (Giordano, 2001) e *Sudário* (Ateliê, 2006); do livro de contos *O fruto do vosso ventre* (Matesse, 1993); e dos ensaios *Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard* (Catedral das Letras, 2002) e *Aleijadinho e o aeroplano: o paraíso barroco e a construção do herói nacional* (Civilização Brasileira, 2009).